



DEBATER, A HISTÓRIA

Ano I | Nº4 | Periodicidade Bimestral | Maio - Junho 2014

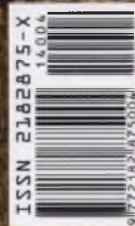
€ 4,45

OS JESUÍTAS E A 1ª. REPÚBLICA PORTUGUESA

OS AÇORES E A NEUTRALIDADE PORTUGUESA
NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Rota do Românico

Uma experiência fundada na História



PERSONAGEM

Júdice Fialho, O maior industrial conserveiro do Algarve

JOSÉ CARLOS VILHENA MESQUITA
Universidade do Algarve



Industrial conserveiro,
foto dos anos vinte.

A figura mais notável da História da Indústria Conserveira no Algarve, foi sem sombra para dúvidas João António Júdice Fialho, um homem inteligente e empreendedor, que nas primeiras décadas do século XX conseguiu conquistar os principais mercados europeus com as suas conservas de atum e de sardinha, mas também com as suas massas alimentícias, compotas e marmeladas. Foi dos poucos industriais das pescas que há mais de um século atrás soube visionar o conceito de globalização à escala atlântica, investindo na aquisição de modernos meios de transformação industrial do pescado, cujos avultados lucros lhe permitiram diversificar a produção e reinvestir noutros segmentos de mercado.

Proprietário e industrial de conservas, João António Júdice Fialho nasceu em Portimão a 17 de abril de 1859 e faleceu em Lisboa, na Casa de Saúde de Benfica, a 17 de março de 1934, com 74 anos de idade. Era filho de Francisco Alexandre Abreu Fialho e de Maria Glória Júdice, natural de Estombar, concelho de Lagoa. Os pais eram ambos abonados de meios de fortuna, e descendentes de proprietários rurais.

Os avantajados recursos financeiros do industrial conserveiro, J. A. Júdice Fialho, permitiram-lhe reunir uma magnífica coleção de arte (quadros, porcelanas, mobiliário), fazendo-se distinguir na sociedade do seu tempo, quer no país quer no estrangeiro, como um mecenas e um magnata da cultura e da arte.

A sua prosperidade financeira permitiu-lhe construir na colina de Santo António do Alto, em Faro, uma magnífica residência ao estilo dos "châteaux" do Loire francês, que ficou conhecida, e ainda hoje se designa, como Palácio Fialho. Começou a construir-se em 1913, sob projeto do arquiteto Joaquim Manuel Norte Júnior, possui dois pisos e águas furtadas (ou sótão de caixão em pé alto), cujo eixo central se destaca do restante edifício. As suas características arquitetónicas evidenciam um forte revivalismo do estilo clássico francês. As obras concluí-



O antigo Palácio Fialho, hoje propriedade da Diocese do Algarve.



Marie Elisabeth famosa marca de conservas da Júdice Fialho

ram-se em 1925, tendo-se então realizado uma faustosa cerimónia de inauguração que contou com a presença das principais autoridades políticas, religiosas e militares do Algarve.

Nessa altura poucos se interessavam em Faro, ou no Algarve, pelo colecionismo de antiguidades e peças artísticas, paixão essa que herdou do sogro, o famoso Dr. Justino Cúmano, que foi no último quartel do séc. XIX um verdadeiro mecenas da arte e da cultura, proprietário do Teatro Lethes e grande impulsionador da Arte de Talma no Algarve.

O império Industrial

Iniciou a sua atividade industrial precisamente na cidade de Faro onde fundou uma fábrica de álcool que por razões conjunturais teve efémera duração. Investiu depois no ramo da indústria da pesca do atum e da sardinha, sector tradicional mas de confiável retorno financeiro. Depressa se apercebeu da oportunidade do sector conserveiro, que nos finais do séc. XIX estava ainda a dar os primeiros passos, fundando algumas fábricas em Portimão e Lagos. Anos depois fundaria novas e sofisticadas unidades fabris na cidade de Faro, nas vilas de Olhão e Espinho, tendo por fim avançado para a ilha da Madeira, onde se tornou o principal industrial

do sector, tal como aliás acontecia no Algarve. O número de operários, que tinha por sua conta nas diversas fábricas espalhadas pelo país, ascendia a largos milhares.

As marcas que lançou no mercado, sobretudo das suas conservas de sardinha, eram as mais conhecidas na Europa, principalmente em Inglaterra, onde praticamente dominava esse sector de mercado. As latas de sardinha e de atum das fábricas algarvias da Casa Fialho foram imprescindíveis para a alimentação dos exércitos beligerantes durante a I Guerra Mundial. Júdice Fialho foi um dos maiores industriais de conservas da Europa, cujo sucesso se deve ao seu espírito criativo e empreendedor, capaz de ver à distância os interesses do mercado e a evolução do consumo em diferentes regiões do mundo. Com o elevado volume de negócios que manteve nos principais mercados

mundiais, conseguiu reunir um pecúlio financeiro verdadeiramente invulgar, tornando-se num dos maiores capitalistas portugueses do seu tempo.

Teve uma vida de intenso trabalho, com muitos dissabores, traições e desilusões, que lhe endureceram o carácter. Retirou da sua experiência como empresário uma capacidade negocial invulgar e uma diplomacia nas relações exteriores muito peculiar. Soube extrair das relações com os políticos nacionais e estran-



O copejo do atum, em xilogravura de Manuel Cabanas



Postal retratando os típicos costumes da época: Praia da Rocha, Algarve, o vendedor de água.

geiros grandes lições, umas positivas quando baseadas na honra, outras negativas quando envasadas na corrupção. De todas soube sempre colher ensinamentos que lhe foram muito úteis no seu longo percurso empresarial. Muitas dessas falsas amizades usou-as em proveito próprio. Não obstante, foi um dos maiores industriais das pescas e da transformação conserveira no país, com fábricas no Algarve e noutras regiões do país, contribuindo com as suas iniciativas empresariais para o desenvolvimento da economia nacional.

O industrial latifundiário e armador da pesca

Curiosamente nos últimos anos de vida virou-se para a agricultura, tendo adquirido no Algarve vastas propriedades, situadas no Areal Gordo e Pereiro, as courelas das Calijas, as fazendas de Marachique e das Areias, do Vau da Rocha (em Portimão), Atalaia e Benefícios, assim como a famosa Quinta do Alto, onde construiu a sua residência. Mas também adquiriu as conhecidas Hortas de Olhão e dos Fumeiros, a quinta do Bom João e a vastíssima fazenda do Montenegro, sem esquecer ainda as valiosas e extensas propriedades dos salgados e reguengos



Galleon, consagrada marca de conservas de sardinha da fábrica Júdice Fialho de Portimão

de Portimão, em Boina e Arge, tendo por fim adquirido o antigo Morgado de Quarteira, que mais tarde o banqueiro Cupertino de Miranda compraria aos seus herdeiros para aí fundar o resort turístico hoje conhecido como Vilamoura. Nessas propriedades desenvolveu culturas novas e empregou modernas máquinas, adubos e desinfestantes até aí desconhecidos na região. Algumas dessas máquinas existiam ainda há poucos anos nas arrecadações agrícolas da sua apalaçada residência, hoje transformada, ou adaptada às suas funções educativas, sob a designação de Colégio de Santo António do Alto. A ele se deve a introdução no Algarve das culturas intensivas do pimenteiro e do marmeleiro, cujas produções aproveitou para criar as primeiras agroindústrias no género, além de ter também experimentado a exportação em lata da pasta de pimento e do doce de marmelo. Também investiu na pesca do bacalhau, enviando vários navios da sua frota pesqueira do Algarve para os bancos na Terra Nova de onde voltavam carregados de peixe que era depois aqui submetido à secagem, embalagem e exportação para os mercados consumidores em todo o mundo. Embora o Algarve tivesse condi-

ções muito propícias à indústria da secagem do bacalhau, o certo é que depois da experiência da Casa Fialho praticamente não houve quem prosseguisse no aproveitamento desse sector.

Bon Vivant, colecionador e altruísta

Face aos seus negócios e aos avultados meios de fortuna, Júdice Fialho passava largas temporadas no estrangeiro usufruindo da avançada cultura dos países do centro europeu, adquirindo conhecimentos nos mais diversos meios, quer científicos quer artísticos. A sua educação e es-



Postal de época mostrando o porto de Vila Nova de Portimão.

merado bom gosto, levou-o a colecionar imensas obras de arte, principalmente quadros, tapeçarias, esculturas e ricas porcelanas, com as quais decorou e enriqueceu o seu palácio de Faro.

Uma das suas características mais cativantes era a forma como tratava os seus colaboradores, desde o engenheiro até ao mais humilde trabalhador rural, que a todos conhecia pelo primeiro nome. A nenhum, sobretudo aos mais carenciados, permitia que faltasse o sustento, diligenciando sempre trabalho para os operários ativos e apoio médico-social, assim como financeiro, para os mais velhos e doentes.

As fábricas conserveiras da empresa Júdice Fialho foram as primeiras no país a possuírem creches.

Impõe-se também salientar que as fábricas conserveiras da empresa Júdice Fialho foram as primeiras no país a possuírem creches para os filhos das operárias e salas de aleitamento para que as mães pudessem cuidar dos seus bebés durante as horas de trabalho. Também lhes eram prestados serviços médicos e apoio farmacêutico, além de ensinamentos de puerícia e aconselhamento no planeamento familiar. Em 17 de abril de 1916, a Câmara Municipal de



As companhas reunidas em armação na pesca do atum.

Portimão prestou-lhe uma homenagem pública, descerrando o seu retrato no salão nobre daquela edilidade, como prova de gratidão pelo desenvolvimento económico prestado à sua terra-natal.

Dois dias antes de falecer foi submetido a uma intervenção cirúrgica que correu satisfatoriamente, sucumbindo no pós-operatório por causa de um enfarte agudo do miocárdio.

A família

Era casado com D. Maria Antónia Cúmano Fialho, descendente de uma das mais prestigiadas famílias do Algarve, filha do médico italiano Dr. Justino Cúmano. Teve duas filhas, D. Justina Cúmano Fialho de Sousa Coutinho, casada com D. António de Sousa Coutinho, Conde de Linhares, e D. Isabel Cúmano Fialho de Mendonça, viúva de Jorge de Mendonça.

O fêretero do benemérito industrial chegou a Faro por via-férrea no dia 21 de maio de 1934, ficando depositado no jazigo da família Cúmano até que ficasse pronto o mausoléu que a viúva mandou edificar no Cemitério da Esperança. Para quem não conhece é uma obra de arte fúnebre da maior imponência, cujo traço arquitetónico se revela inspirado nos cânones do classicismo italiano. O seu funeral foi uma grandiosa manifestação de pesar, demonstrada por milhares de pessoas que deviam ao defunto diferentes provas de amizade e de proteção. Vieram autocaros de todo o país, especialmente de Portimão, Peniche e Sines, onde aquele industrial possuiu fábricas e propriedades agrícolas.

O nome de João António Júdice Fialho encontra-se imortalizado na toponímia das cidades de Faro, Sines e Portimão. Recentemente o município de Portimão atribuiu-lhe o nome a uma Escola do Ensino Básico dos 2º e 3º Ciclos. ■